



COOPERATIVISMO DE PLATAFORMA DIGITAL

DIGITAL PLATFORM COOPERATIVISM

Airton Rodrigues da Silva¹, Nelson José Thesing², Volmir Ribeiro do Amaral³, Pedro Luís Büttendbender⁴

RESUMO

O artigo busca investigar as oportunidades e os desafios no ambiente de plataformas digitais. Assim, a pesquisa verifica diferentes experiências, em diversos países e no Brasil, com o objetivo de identificar um processo de cooperação, com possibilidade de trabalho cooperativado. Para responder essas inquietações, o estudo trilha pelos caminhos da teoria crítica, de abordagem qualitativa, coleta de dados, que fundamenta a pesquisa bibliográfica, com objetivos descritivo e exploratório que habitualmente são realizados por pesquisadores sociais preocupados com a atuação prática. Os resultados conquistados pela pesquisa apontam que cooperativismo de plataforma poderá ser um empreendimento coletivo, um campo com inovações tecnológicas, com possibilidade de construir um ambiente de emancipação, onde todos são sujeitos para repensar e reconstruir o significado da cooperação, como um meio de transformação social, um meio para superar a classificação dos trabalhadores, não como empregados, mas sim, como donos, clientes e usuários, como atores principais na construção de uma organização própria e coletiva, a cooperativa, para promover a economia solidária, gerar trabalho e renda, de forma democrática.

Palavras-chave: Cooperativismo. Economia solidária. Mudanças tecnológicas.

ABSTRACT

The article seeks to investigate the opportunities and challenges within the digital platform environment. Therefore, the research examines different experiences in various countries, including Brazil, aiming to identify a cooperation process with the potential for cooperative work. To address these concerns, the study follows the paths of critical theory, employing a qualitative approach, data collection, and a bibliographic research foundation, with descriptive and exploratory objectives that are typically undertaken by social researchers focused on practical applications. The outcome of the research indicates that platform cooperativism could be a collective endeavor, a field with technological innovations, with the potential to create an emancipatory environment where everyone is empowered to rethink and reconstruct the

¹ Doutorando em Desenvolvimento Regional. Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. E-mail: airtonrd.silva@sou.unijui.edu.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6254-1676>

² Professor no Mestrado e Doutorado em Desenvolvimento Regional na Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. E-mail: nelson.thesing@unijui.edu.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7123-0717>

³ Doutorando em Desenvolvimento Regional. Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul Ijuí, Rio Grande do Sul, Brasil E-mail: volmirdoamaral@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2883-1979>

⁴ Professor do Mestrado e Doutorado em Desenvolvimento Regional na Universidade Regional do Noroeste no Estado do Rio Grande do Sul. E-mail: pedrolb@unijui.edu.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-70118552>



meaning of cooperation as a means of social transformation. This could help to overcome the classification of workers not as employees, but as owners, clients, and users, as key actors in building their own collective organization, the cooperative, to promote a solidarity economy, generate work and income, and do so democratically.

Keywords: Cooperativism. Solidarity economy. Technological changes.

INTRODUÇÃO

O cooperativismo de plataformas se insere em um conjunto de mudanças tecnológicas, sociais, ambientais, econômicas, demográficas, locais e globais, de uma rápida ascensão da economia do conhecimento. Em uma sociedade com enormes desigualdades sociais, há fortes clamores por melhores condições de trabalho, que se apresentaram com maior vigor pós-pandemia de Covid-19, e também estão presentes nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Organização das Nações Unidas (ONU), especificamente no oitavo objetivo que discute o “trabalho decente e o crescimento econômico”.

Assim, se apresenta o cooperativismo de plataforma com pressupostos de economia compartilhada. Em uma conferência Share, em São Francisco, nos Estados Unidos, no ano de 2014, Janelle Orsi, diretora executiva e cofundadora do *Sustainable Economies Law Center*, lançou desafios para as empresas de compartilhamento corporativo, a compartilhar sua propriedade e riqueza com os usuários. Nesta direção Sutton, Johnson e Gorenflo (2016), apresenta a cooperativa de plataforma digital como sendo um aplicativo móvel, projetado para fornecer serviço ou comercialização produtos, na forma coletiva, governado pelas pessoas, integrantes do sistema de plataforma digital.

Ademais, as plataformas digitais passam a ser um campo de intermediação, em que os problemas de coordenação nas transações de mercado são resolvidos pelo encurtamento das distâncias e da facilitação do contato entre oferta e demanda (Kalil, 2020). Ainda, na concepção do autor, as plataformas digitais são a potencialização de movimentos concomitantes que se apresentaram no início na década de 1970, como a produção enxuta, cadeias produtivas just-in-time e terceirização. Neste contexto, talvez haverá a concentração da propriedade, mediante grandes infraestruturas, altos investimentos, aquisição de empresas, especialmente, plataformas menores.



O sistema de plataforma digital poderá apresentar novos contornos nas relações de trabalho, novas oportunidades e desafios, nas atividades desempenhadas pelas pessoas, independente do horário e lugar, o que se torna um ambiente fértil para pesquisa, ao verificar diferentes experiências, em diversos países. Para além desta Introdução, o presente artigo apresenta os Caminhos Metodológicos, Referenciais Teóricos, Análise e Discussão dos Resultados e as Considerações Finais. O presente trabalho dialoga, portanto, com o oitavo ODS que aborda o trabalho decente e o crescimento econômico, e apresenta como uma de suas metas promover políticas orientadas para o desenvolvimento e atividades produtivas, geração de emprego decente, empreendedorismo, criatividade e inovação (ONU Brasil, 2015).

METODOLOGIA

Os caminhos metodológicos propiciam o acompanhamento e avaliação do que está sendo realizado, de modo a corrigir possíveis imperfeições ou mesmo prevenir (Raddatz, 2009). No entanto, reforça a autora, a metodologia necessita ser flexível para proporcionar adaptações à realidade e estimular a experiência da criatividade. Nesta direção a pesquisa conta com as contribuições da teoria crítica, que apresenta o papel da ciência enquanto mecanismo de transformação da sociedade, ao buscar a investigação frente as plataformas digitais (Alves-Mazotti; Gewandsznajder, 2004).

Assim, ao realizar a investigação, tem-se presente a adoção de um quadro teórico, caminhos metodológicos, anteriormente à coleta de dados, pelos caminhos bibliográficos, que não podem turvar a visão dos pesquisadores, levando-os desta forma à aspectos importantes que nem sempre se encaixam na análise teórica (Lincoln; Guba, 1985). Porém, o que parece indispensável no campo dos caminhos metodológicos é a busca da transformação da vida das pessoas (Alves-Mazotti; Gewandsznajder, 2004), que as plataformas digitais podem proporcionar para as pessoas, onde a crítica, neste trilhar, possa produzir conhecimentos, que contemplam a emancipação, ver o outro não como objeto, mas como sujeito do conhecimento com o propósito de “[...] repensar e reconstruir o significado de emancipação humana” (Giroux, 1986, p. 21).

Já a abordagem é qualitativa (Gil, 2012; Vergara, 2010), ao buscar respostas frente aos desafios das plataformas digitais. Na perspectiva de Marconi e Lakatos (2021), a pesquisa



qualitativa requer a definição de objetivos, a necessária coleta de dados que foram fortalecidos pela pesquisa bibliográfica. Trata-se ainda, de uma pesquisa com objetivo exploratório, que, segundo Gil (2010, p. 27) “é realizada especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e se torna difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis”. Já “as pesquisas descritivas são, juntamente com as exploratórias, as que habitualmente realizam os pesquisadores sociais preocupados com a atuação prática” (Gil, 2010, p. 42). Assim, tem-se presente que o ambiente das plataformas é um espaço estratégico para pesquisas, pelas oportunidades e desafios que apresenta no ambiente de trabalho.

REFERENCIAIS TEÓRICOS

As plataformas digitais conquistaram espaços pelo avanço das tecnologias digitais, o que oportunizou para as empresas de economia compartilhada um novo ambiente de trabalho (Kalil, 2020). Ainda para o autor, a economia digital reside em três aspectos: (i) trata-se do setor mais dinâmico da economia contemporânea; (ii) está se tornando sistematicamente relevante na medida em que amplia os seus espaços como infraestrutura que viabiliza o desenvolvimento econômico; (iii) graças ao seu dinamismo, apresenta-se como um ideal para o capitalismo, de maneira ampla, (Kalil, 2020,), ao se transformar em um modelo hegemônico no mundo, com forte influência na organização dos espaços urbanos, dos negócios, das condições de trabalho e dos governos.

Já no campo da organização coletiva dos trabalhadores nas plataformas digitais, passa ser um campo incipiente. Uma das razões é o fato de o número de trabalhadores ainda não ser tão expressivo nesta área de trabalho. Outra razão está no fato de algumas plataformas oferecerem resistência pelo trabalho de forma coletiva. Preocupada com essa situação, a Organização Internacional do Trabalho (OIT) lançou no início de 2019 o relatório “Trabalhar para um futuro melhor”. Um dos eixos para realizar o contrato social e ter uma agenda centrada no ser humano, a revitalização da representação coletiva. O documento orienta que os trabalhadores devem instituir técnicas inovadoras de organização e utilizar a tecnologia digital para alcançar a sua base de representação e para traçar estratégias de ação mais efetivas (OIT, 2019).

Johnston e Land-Kazlauskas (2018) afirmam que as entidades sindicais adotam cinco estratégias: (1) as empresas enquadrem os trabalhadores como empregados ou nas categorias intermediárias; (2) estratégia do trabalho conjunto com outras organizações associativas, como guildas; (3) busca por nova legislação que melhore as condições de trabalho, como ocorreu em Seattle, nos EUA; (4) reconhecimento pelo movimento sindical tradicional da necessidade de atuar junto aos trabalhadores atípicos; (5) criação de entidades sindicais com enfoque para representarem trabalhadores em contratos atípicos, como os do capitalismo de plataforma, na linha do que ocorreu com o Sindicato de Trabalhadores Independentes do Reino. Desta forma, passa a ser uma oportunidade, as plataformas cooperativadas, por contemplar uma governança participativa, democrática. Assim, o movimento das cooperativas digitais inspira mudanças em uma nova era para o cooperativismo tradicional (Foramitti; Varvarousis; Kallis, 2020).

Para Kalil (2020), a criação de cooperativas em plataformas digitais, é um caminho para superar o debate sobre a classificação dos trabalhadores como empregados. A constituição de cooperativas possibilita colocá-los como atores principais na construção de uma organização própria, o empreendimento cooperativo.

Na América do Norte, um programa inovador no campo do cooperativismo de plataforma, a *Start.Coop*, com sede em Boston, tem por objetivo auxiliar os empreendedores (*startups*), do cooperativismo para a conquistar de espaços em escala dos negócios, ao expandir o ecossistema cooperativista. Trata-se de um programa de aceleração de cooperativas digitais, que trabalha temas de marketing, recursos humanos, finanças e outras especialidades, pelas lentes do cooperativismo.

Outro exemplo de cooperativa de plataforma nos Estados Unidos é a *Driver's Seat*. A cooperativa funciona como um aplicativo para motoristas. Conforme Mendes (2022), a premissa da cooperativa é simples: fazer com que os dados gerados pelos motoristas trabalhem a favor deles e não apenas das *big techs*. Ainda, para o autor, a cooperativa é um diferencial, por ser mais transparente e por distribuir de forma mais justa os recursos levantados com a venda desses dados. O aplicativo atua de duas formas: fornece dados contextualizados para otimizar os ganhos dos motoristas, de como calcular quilômetros rodados e indicar melhores horários e locais na busca de corridas; e pela venda dos dados da mobilidade agregados dos motoristas, que os remunera por isso. Consultorias, órgãos públicos, entidades de pesquisa,



entre outros, têm grande interesse nestes dados para estudos de mobilidade. Quando os dados são vendidos, os valores são revertidos para os cooperados.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A centralidade do cooperativismo de plataforma, passa a ser um empoderamento dos prestadores de serviços, resultante da propriedade coletiva dos dispositivos (Barzotto; Vieira, 2019). Desta forma, o desenvolvimento de atividades econômicas por plataformas, passa a ser um campo com inovações tecnológicas que facilita trocas de diversos produtos e serviços entre pessoas ou entre pessoas, empresas e países.

Nos Estados Unidos, em 2015, foi criada a *Midata*, uma cooperativa que promove a gestão de dados no campo da saúde para os pacientes que têm por objetivo mostrar como os dados podem ser usados para o bem comum, garantindo soberania aos cidadãos sobre seus dados pessoais. A cooperativa funciona como uma intermediária para a coleta de dados, utilizando tecnologias como *big data* e *analytics*, a *Midata* rastreia o comportamento de doenças. Em parceria com a *BFH Medical Informatic* a *Midata* conseguiu, em pouco tempo, lançar um aplicativo que permite aos cidadãos registrarem seu estado de saúde e os sintomas relacionados à contaminação pelo vírus.

Nos Estados Unidos, em 2016, foi criada a *Savvy*, para coletar dados sobre pacientes e grupos de interesse na indústria farmacêutica para disponibilizar remuneração para os cooperados, ao oferecer para os pacientes uma voz ativa, unificando a demanda para a indústria. A receita da cooperativa é gerada pelo pagamento das empresas que utilizam os dados cadastrados na plataforma da *Savvy*. Para se tornar sócio, um paciente paga uma taxa única. A *Savvy* também foi a primeira cooperativa de plataforma a receber investimento de capital de risco em 2020.

O mundo das plataformas cooperativas ou cooptechs, é uma conquista recente, no campo artístico, uma cooperativa de músicos, a *Ampled* foi constituída em 2018 nos Estados Unidos, para fazer frente ao aplicativo “*spotify*”. Os artistas não se limitaram em criticar as taxas que consideravam abusivas e partiram para sua organização cooperativada. O *Ampled* oferece soluções compartilhadas, o quadro associativo tem a propriedade e a gestão do aplicativo. A cooperativa conta com 470 artistas cooperados.



O primeiro aplicativo Liga, criado em 2021, pela Cooperativa de Mobilidade Urbana do estado do Rio Grande do Sul - Comobi - RS. Uma experiência que nasceu na Serra Gaúcha como solução frente pela precarização da profissão dos motoristas de aplicativo. Os motoristas cooperativados conquistaram um melhor repasse de mercado, com uma taxa fixa de 12% do valor das corridas, enquanto as demais cobram ao redor 30%. A experiência que nasceu na cidade de Caxias do Sul, conquistou a presença em outras cidades gaúchas, incluindo a capital, Porto Alegre.

Em Araraquara, no ano de 2022, foi criado um aplicativo, com a prefeitura, estimulando o cooperativismo, o Bibi Mob, que reúne 200 motoristas cooperativados e recebem 95% do valor das corridas, parcela bem superior à transferida pelas plataformas líderes de mercado. Para Cardoso (2020), os aplicativos necessitam contribuir com a organização coletiva, cooperativada, para constituírem ambientes de trabalho mais humanizado e solidário.

Benkler (2016), identifica um contexto favorável para o desenvolvimento do cooperativismo de plataforma, onde a disrupção pode oportunizar o surgimento de empresas que podem favorecer a cooperação, com experiências no campo da produção colaborativa, sustentada com recursos comuns, para a organização de cooperativas de plataforma, onde o funcionamento pode ser em redes, com novas oportunidade frente as empresas tradicionais, onde o sucesso do cooperativismo de plataforma depende da agilidade na movimentação e na sua capacidade de construir redes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa permite afirmar, pelo caminho cooperativado, em diversas partes do mundo e no Brasil, se apresenta o germe da inovação para as plataformas digitais se transformarem em ambientes ricos para as pessoas conquistarem um melhor ambiente de trabalho, onde o cooperativismo é versátil e pode se adaptar às novas tecnologias e tendências digitais.

O cooperativismo de plataforma digital poderá ser um ambiente sustentável, ao se caracterizar por uma melhor distribuição da renda. As cooperativas digitais, enquanto laboratório inovador nas relações de trabalho, se apresentam com novas práticas cooperativadas, como sociedades colaborativas.



As plataformas digitais para Silveira, Wegner e Silva (2022), se apresentam como soluções visíveis e invisíveis e incluem sites, blogs, redes de mensagens virtuais, aplicativos móveis e redes sociais de textos, conteúdo, imagens e vídeos que permitem o compartilhamento rápido de informações, conteúdos, produtos e serviços. Um conjunto de soluções que podem oportunizar a criação de cooperativas de plataformas, para distribuir riquezas, em vez de concentrá-la. Nesse contexto, a organização do trabalho cooperativado conquista espaço como alternativa para fazer parte do complexo ambiente no mundo do trabalho, se somando a outras iniciativas no campo da inovação, mantendo o cooperativismo como alternativa viável no mundo competitivo e globalizado, onde as tecnologias frequentemente facilitam a concentração do capital.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O Método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. 2. ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

BARZOTTO, Luciane Cardoso; VIEIRA Lucas Pasquali. Cooperativismo de plataforma no paradigma colaborativo. **Rev. Esc. Jud. TRT4**, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 41-65, jan./jun., 2019.

BENKLER, Yochai. The realism of cooperativism. In: SCHOLZ, Trebor; SCHNEIDER, Nathan (eds.). **Ours to hack and to own: the rise of platform cooperativism, a new vision for the future of work and a fairer internet**. New York: OR Books, 2016.

CARDOSO, Alexandre. A UBERIZAÇÃO DA COLETA SELETIVA: REFLEXÕES SOBRE AS NOVAS FORMAS DE TRABALHO NA ERA DA ECONOMIA DIGITAL **Revista Contraponto** - Edição Especial VIII Seminário Discente (2019) v. 7, n. 2, 2020.

FORAMITTI, Joël; VARVAROUSIS, Angelos; KALLIS, Giorgos. Transition within a transition: how cooperative platforms want to change the sharing economy. **Sustainability Science**, p. 1-13, 2020.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

GIROUX, Herry. **Teoria Crítica e Resistência em Educação**. Petrópolis: Vozes, 1986.



JOHNSTON, Hannah; LAND-KAZLAUSKAS, Chris. **Organizing on-demand: Representation, voice, and collective bargaining in the gig economy**. Geneva: International Labour Organization, 2018.

KALIL, Renan Bernardi. **Organização coletiva dos trabalhadores no capitalismo de plataforma**. Contracampo, Niterói, v. 39, n. 2, p. 79-93, ago./nov., 2020.

LINCOLN, Yvonna S.; GUBA, Egon G. **Naturalistic inquiry**. Newbury Park, CA: Sage, 1985.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2021.

MENDES, Gustavo. **Start.Coop: uma aceleradora de cooperativas dos EUA e Canadá**. 2022. Disponível em: <https://coconnecta.me/start-coop-aceleradora-de-cooperativas-eua-e-canada/>. Acessado em: 26 jan. 2023.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO (OIT). **Trabalhar para um futuro melhor**. Lisboa: Bureau Internacional do Trabalho, 2019.

ONU Brasil. **ODS - Objetivos de Desenvolvimento Sustentável**. 2015. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>. Acessado em: 28 jul. 2024.

RADDATZ, Vera Lucia Spacil. **Rádio de Fronteira: da cultura local ao espaço global**. Tese. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2009.

SILVEIRA, Alexandre Borba da; WEGNER, Douglas; SILVA, Joel Queiroz da. **Cooperativismo de plataforma como alternativa para o desenvolvimento econômico pós-Covid-19**. Escoop/Unisinos, 2022. Disponível em: <https://convibra.org/publicacao/26932/>. Acessado em: 29 jun. 2024.

SUTTON, Maira; JOHNSON, Cat; GORENFLO, Neal. **Shareable explainer: what is a platform co-op?** Shareable, Mountain View-CA, 16 ago. 2016. Disponível em: <https://www.shareable.net/blog/a-shareable-explainer-what-is-a-platformco-op>. Acessado em: 30 jun. 2024.

VERGARA, Sylvia Constant. **Métodos pesquisa em administração**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2010.